

Transmissão e transformação: confidências sobre o processo de construção da identidade psicanalítica¹

Aline Santos e Silva²
Lisa Pellegrini Magalhães³
Siana Pessin Cerri⁴

Resumo: No presente trabalho, as autoras, em pleno processo de formação psicanalítica na SBPdePA, questionam-se de que maneira ocorre o tornar-se psicanalista. A partir de uma série de perguntas, trazem à tona aspectos da transmissão. Junto ao reconhecido tripé psicanalítico, ou seja, análise pessoal, supervisão e estudo em seminários teóricos, ressaltam a importância do 4º eixo para que tal processo de aquisição dessa identidade se processe. A interação com a instituição escolhida, o papel ativo e presente, faz parte do chamado 4º eixo. Este, por sua vez, estimula os analistas a cultivar a troca com os colegas, como um ponto necessário para o crescimento pessoal e da psicanálise. Envolver-se na instituição da qual pertence de modo a formar a “família analítica”, e em conjunto com a família interna de cada um, é fundamental para a formação da identidade psicanalítica.

Palavras-chave: Formação. Identidade psicanalítica. 4º eixo. Transformação.

¹ Trabalho apresentado como tema livre no XXVII Congresso Brasileiro de Psicanálise, em junho de 2019.

² Psicóloga, Membro do Instituto da SBPdePA, Docente e Supervisora do ITIPOA.

³ Psicóloga, Membro do Instituto da SBPdePA.

⁴ Psicóloga, Membro do Instituto da SBPdePA.

Ao ingressar em uma “formação psicanalítica”, o assim chamado *candidato* tem noção de que se manterá em equilíbrio graças a uma estrutura de *tripé*: análise pessoal, supervisão e estudo em seminários teóricos. Preconizado no início da década de 20 do século passado, o famoso *tripé* foi denominado por Eitingon como um modelo de formação de novos analistas (Barros, 2000). Esse modelo ainda é o que prevalece na maioria dos Institutos de Psicanálise ligados à IPA, e enlaçado ao tripé está a questão, sempre complexa, da transmissão em psicanálise. Lado a lado caminham os questionamentos quanto à construção da identidade psicanalítica.

O *candidato* (para nós, *membro do instituto de psicanálise*), entretanto, logo se dá conta de que o tripé talvez tenha quatro pilares. Ao adentrar num instituto de psicanálise, percebe-se que a instituição escolhida, o grupo que ali se formou, sua maneira de pensar e transmitir psicanálise, dentre tantas outras variáveis, influenciam sua formação. A esse conjunto que perpassa a instituição e seu momento institucional, o envolvimento do candidato com a instituição, chamamos 4º eixo. De acordo com Petrucci (2004), o conceito de 4º eixo aponta para uma aplicação da teoria do campo psicanalítico de M. e W. Baranger, no campo institucional. Assim, é de dentro desse eixo que se revela o processo de constituição da identidade profissional do psicanalista em formação (Rodrigues, 2016). Dessa forma, pensamos que o 4º eixo é muito importante, na medida em que amplia o olhar, aprofunda o conhecimento de si e do outro e impacta na capacidade de trocas efetivas e afetivas nos grupos: a vivência institucional possibilita o crescimento pessoal e, como membro daquele instituto, alicerça a construção de sua identidade psicanalítica. Entretanto, o funcionamento da instituição pode facilitar ou prejudicar essa construção da identidade e da sensação de pertencimento (Rodrigues, 2016). Questionar o tema e aprofundar o estudo teórico nos parece uma saída possível, vide a quantidade de bibliografia encontrada. Como *candidato/membro*, aqueles que estão em uma das pontas do processo de transmissão, e para quem esta se dirige, acreditamos ser nossa função contribuir com esse entendimento, apropriando-nos dessa discussão.

Assim, o candidato não poderá ser pensado dissociado deste *espaço*: ele está implicado com sua instituição de formação desde que nela ingressa e estará imerso na cultura que a caracteriza (Rodrigues, 2016). As identificações, as projeções, as presenças/ausências, o clima institucional, tudo vai compor o quadro onde, gradualmente, se buscará sentimento de pertencimento e vínculos. Assim, como qualquer outro aspecto da formação, tal qual supervisão e análise pessoal, o 4º eixo também é vivenciado e apreendido de maneira pessoal. O modo como o candidato/membro transita por esse espaço, como se insere e participa da vida

institucional se aglutinará às teorias priorizadas por seus estudos e também por sua sociedade. Espera-se, ao final desse processo, que emergja uma identidade psicanalítica. O psicanalista, então, será único, individual, mas marcado pelo grupo em que se insere.

Nos países da América Latina, chama-se o período de *treinamento* de um psicanalista de *formação psicanalítica*. De que se trata “formar” um psicanalista? O termo, já clássico, pensado ao pé da letra, e em associação livre, soa estranho: qual é a forma de um psicanalista? Forma correta, forma adequada, forma estranha?

Pensamos que um psicanalista emergja de um trabalho bastante exigente. Uma parte do trabalho ocorrerá em duplas, a saber, a análise pessoal e a supervisão. Outra parte, apenas surgirá na premência de um grupo: o estudo e a participação institucional. Fazer surgir um psicanalista é tramar uma rede complexa que traz os mais diferentes fios de uma história pessoal, tal qual um espaço transicional.

Em suma, torna-se psicanalista ao fim de uma trajetória longa e complexa, composta pelas diferentes experiências profissionais e também aquelas vividas antes mesmo da escolha da profissão. Cada história de vida correu por diferentes e tortuosos caminhos até chegar nessa escolha. Caminhos estes que levam à escolha de uma faculdade, depois de um analista e mais adiante de uma instituição que supostamente o levaria a atingir um objetivo que pode, não necessariamente, ser o mesmo objetivo do início da trajetória.

Enfim, é trabalho para uma comunidade inteira, que transmite seu saber em seminários, eventos, supervisões, atividades, a partir de encontros, desencontros, concordâncias e discordâncias. Aqui, o conceito de transmissão evidencia sua força, pois diz respeito a um ponto da trama em que cada sujeito possa se inscrever, dando sua tonalidade e sua forma. A transmissão ocorre na presença daquele que transmite para aquele que recebe. Pensamos ser esse um aspecto interessante, em vista da importância da *presença* no 4º eixo. Aquele que transmite, renova sua própria função analítica, envolvendo-se com as novas gerações, afirmando-se, assim, que na psicanálise aquilo que se aprende cognitivamente não é de maior valia (Casseb, 2016). Aquele que recebe não pode ser passivo nesse processo, sob o risco de tornar-se um repetidor de teorias e técnicas. Ser ativo no processo, em suma, pressupõe *presença* no 4º eixo.

Concordamos com as ideias de Bolognini (2008), com sua metáfora sobre a *família psicanalítica*. Segundo esse autor, há uma família analítica interna em cada analista. Esta seria formada pelo analista pessoal (tanto sua pessoa real, quanto seus matizes como objeto primário complexo), pelos supervisores (que ocupariam o lugar de objeto paterno), pelos coordenadores de seminários (seriam, nessa metáfora, os “tios”, pois são os analistas pessoais/supervisores de

outros membros/candidatos) e pelos membros/candidatos (tal qual irmãos). Estes últimos seriam os “companheiros”, que podem divergir em ideias e conceitos, mas, ao caminharem lado a lado na trajetória da formação, em muito contribuem para o mútuo crescimento. Ainda segundo Bolognini, a soma da família institucional (4º eixo) junto com a família interna do analista intervém no trabalho deste com seu paciente, em graus e modos diferentes, conforme os diversos momentos da formação pessoal e da análise.

Sob esse contexto, cabe salientar parte da nossa experiência pessoal que motivou este trabalho. No Instituto da SBPdePA, desde 2015, a estrutura do curso de formação tem um formato diferenciado. A nosso ver, este se mostra mais complexo, local onde a criatividade e o desejo do candidato/membro são parte imprescindível do processo. Cada membro do instituto escolhe seminários e coordenadores, sem obrigatoriedade de seguir um roteiro pronto e estanque e na ordem em que melhor lhe aprouver. Temos que cursar 32 seminários, sendo obrigatório que 50% seja sobre as obras de Freud. Os demais, designados pós-freudianos, são de livre escolha. Cada membro precisa estar atento para estudar Freud em seus quatro eixos: teórico, técnico, clínico e social. Com esse formato, entretanto, tem-se a liberdade de pensar sua trajetória e escolher qual caminho seguir. Sendo uma formação longa, poder escolher e apreciar o caminho a ser percorrido faz muito sentido, tanto quanto o pódio de chegada. Pensamos ser importante também atentar para que as escolhas não recaiam no *conhecido*: teorias previamente estudadas e/ou colegas ou coordenadores com os quais se esteja familiarizado ou identificado. O estado de prontidão para desacomodar-se, a busca pelo novo e o pensar diferente são constituintes da identidade psicanalítica e fazem parte desse processo de escolha.

Para além dos seminários, porém, questionamos onde fica o espaço ampliado do 4º eixo, a saber, a vivência e a implicação do membro/candidato com o instituto. Nessa via, podemos pensar que o instituto seria a nossa casa analítica, local no qual a supracitada família se encontra, espaço de conversas amigáveis e discussões acaloradas. Nesse espaço, podemos assumir funções e cuidados? Mais integrados, maior a vivência e o crescimento pessoal e analítico. A pergunta sempre necessária é se os candidatos/membros conseguem ver, valorizar e utilizar a família ampliada e a casa analítica que o instituto lhe oferece.

E para o membro/candidato engajado em seu polo da transmissão os questionamentos seguem. Como tornar-se psicanalista? “Torna-se”, “assume-se” uma identidade transmitida? Até chegar a esse ponto, lá no início, o que motiva a escolha da instituição? E do analista pessoal? O que faz um profissional escolher ligar-se a uma instituição associada à IPA, fundada pelo “pai” Freud?

Perpassam desejos conscientes, inconscientes, narcisismo e idealização, dentre tantos aspectos emocionais que podemos citar. É evidente que as instituições psicanalíticas, como quaisquer outras instituições, têm dificuldades. Cria-se, com facilidade, um espaço fértil às manifestações da rivalidade edipiana, geracional ou fraternal e a exposição das intolerâncias narcísicas (Bolognini, 2017). Desidealizar a formação psicanalítica possibilita estar atento aos perigos inerentes a um processo tão árduo e íntimo, mas que é realizado em grupo. Afastar-se pode ser entendido como um modo de defesa frente às ansiedades suscitadas, mas pouco traz crescimento individual ou do grupo ao qual esse indivíduo pertence. Bolognini (2017) reforça a importância de inserirmos o 4º eixo na formação para acostumar os analistas a cultivarem a troca com colegas como uma dimensão útil e necessária, para o crescimento pessoal e da psicanálise.

Ao entrar na instituição, com muitas reuniões e informações, percebe-se que ela é moldada por normas, regras e princípios. O questionar-se, porém, precisa seguir. Estará disposto esse “candidato” a “moldar-se”? Estará disposto a interrogar, criticar e contribuir? Questionamos, em nossa vivência atual como diretoria da Associação de Membros do Instituto, até que ponto os candidatos/membros se percebem fazendo parte da sustentação e da continuidade da instituição a que pertencem. Sabemos, todavia, que a sensação de pertencimento é individual e calcada em aspectos muito pessoais. Entretanto, faz-nos pensar como é possível a construção de uma nova identidade (psicanalítica) apenas passivamente, transitando pela instituição sem maiores envolvimento. Evidentemente, sabemos que essa inserção também pode ser auxiliada por uma diretoria do instituto de psicanálise e da própria sociedade escolhida que acolha e fomenta a sensação de que se é parte de algo maior.

Neste momento, gostaríamos de repartir com vocês um pouco da nossa experiência na diretoria da Associação dos Membros do Instituto junto com a diretoria do Instituto, onde a troca, a liberdade e o respeito se sobressaem. Semanalmente, temos reuniões nas quais podemos juntos construir e participar da nossa formação. Levamos as contribuições e os questionamentos dos membros, de um modo geral, e discutimos para um melhor aproveitamento da nossa vivência no Instituto.

Gostaríamos, neste ponto, de abrir um momento para discussão sobre a importância do significado de palavras e nomenclaturas. Na SBPdePA já não somos mais nomeados *candidatos*. A nomenclatura foi mudada para membro do Instituto de Psicanálise em 2007. Uma das possibilidades pensadas liga a palavra candidato ao latim *candidatus*, que significaria *vestido de branco*. Na antiguidade, aquele que disputava um cargo público e precisava de votos vestia-

se de branco para simbolizar sua pureza. Significa também aquele que aspira a um cargo, honraria, emprego (Zimerman, 2012). Membro, por sua vez, vem do latim *membrum* e possui diversos significados, entre eles, pessoa que faz parte de um grupo, de uma coletividade, órgão sexual masculino, parte de uma frase. Tal discussão nos faz pensar que ser membro, para além de candidato, convida-nos a uma participação mais múltipla e, conseqüentemente, mais ativa na nossa formação.

Enfim, após toda essa discussão, ainda nos restam perguntas à procura de respostas: qual a influência da instituição sobre o candidato e vice-versa? Como se dá a transmissão do conhecimento psicanalítico? Esses questionamentos seguem necessários, exatamente para que o fenômeno do chamado *limbo*, outra nomenclatura que nos convoca a pensar, seja minimizado. Seguindo a associação, a palavra limbo vem do latim *limbum*: borda, margem, extremidade, beira. Também pode significar estado de indecisão ou esquecimento, incerteza, indefinição (Houaiss, 2015). Questionamo-nos se, mesmo que a nomeação seja informal (afinal nos *rosters* das sociedades não há um espaço para aqueles que pertencem ao limbo; todos lá estão no grupo de candidatos ou, em nosso caso, membros do Instituto), ela de alguma maneira não estimula os membros a seguirem nesse estado, por gerar um *espaço de pertencimento ao limbo*.

Sabemos que o candidato/membro que inicia sua formação psicanalítica já chega carregado de “construções” anteriores. Precisa, gradualmente, lidar com o novo, absorver aspectos da transmissão, desconstruir e reconstruir aquilo que precede sua entrada, tarefa exigente e que requer atenção. Casseb (2016) cita Freud ao dizer que a transmissão busca reeditar estruturas pré-existentes. Questionamo-nos, por fim, se reeditando estruturas pré-existentes, podemos avançar. Imaginamos que uma alternativa à mera repetição seria apropriar-se de sua casa analítica. Tornar-se presente, não ser uma visita, nem estar de passagem. Para isso, é necessário enxergar as divergências significativas e, mesmo assim, sobreviver a elas, ao invés de manter-se à parte, algo que presenciamos em nosso curto tempo institucional. Confidenciamos essa série de questionamentos (apesar de não ser tarefa fácil: seremos compreendidos? O que pensarão nossos *familiares* de nós?), pois acreditamos que as vivências no 4º eixo são fundamentais para a constituição da identidade do psicanalista. Concordamos com Cassorla (2017), que diz que a instituição deve estimular no membro do instituto elementos como coragem, desafio e amor à verdade, caso contrário ele corre o risco de não ir além das fronteiras tanto da instituição como as suas próprias. Do nosso lado, pensamos do mesmo modo: o membro do instituto deve encarar sua jornada de modo corajoso, estando aberto aos desafios e buscando o amor à verdade,

a fim de se constituir um psicanalista e, no futuro, contribuir para alicerçar a psicanálise, interpondo-se numa cadeia intergeracional de saber e afeto.

Transmission and transformation: confessions regarding the process of becoming a psychoanalyst

Abstract: In this paper, the authors, who are in process of psychoanalytical training at SBPdePA, question how to become a psychoanalyst. Starting from a series of questions, they bring up aspects of its transmission. Along with the recognized psychoanalytic tripod, that is: personal analysis, supervision and study in theoretical seminars, they emphasize the importance of the 4th axis to achieve the analytical identity. The interaction with the chosen institution is part of the so-called 4th axis. This, in turn, encourages analysts to cultivate exchange with colleagues, as a necessary aspect for personal growth. The importance of getting involved in the institution, forming the “analytical family” together with the internal family of each one, is fundamental in obtaining the psychoanalytical identity.

Keywords: Psychoanalytic identity. 4th axis. Training. Transformation.

Referências

- Barros, F. C. (2000). A formação da identidade do psicanalista IPA. *Revista Latinoamericana de Psicanálise*, 4(1), 345-351.
- Bolognini, S. (2008). A família institucional e a fantasmática do analista. *Jornal de Psicanálise*, 41(74), 197-215.
- Bolognini, S. (2017). Carta Stefano Bolognini. In *Construções V – Morte e Vida: Fronteiras da formação no Brasil* (pp. 165-168). Fortaleza: ABC.
- Casseb, A. R. (2016) Transmissão psicanalítica: (re) edificações sobre a personalidade. *Psicanálise – Revista da Sociedade Brasileira de Psicanálise*, 18(2), 17-42.
- Cassorla, R. (2017). Por uma formação analítica suficientemente má. In *Construções V - Morte e Vida: Fronteiras da formação no Brasil* (pp. 35-48). Fortaleza: ABC.
- Houaiss, A. (2015). *Pequeno dicionário Houaiss da língua portuguesa*. São Paulo: Moderna.

Petrucci, J. L. F. (2004). O tripé: Formalidade e informalidade. In *Reunião Científica da SBPdePA*, Porto Alegre.

Rodrigues, A. M. P., Klochner, L., Puiatti, R., & Skowronski, S. (2007). O candidato e a instituição psicanalítica: um quarto eixo na formação analítica? *Psicanálise – Revista da Sociedade Brasileira de Psicanálise*, 9(1), 47-75.

Rodrigues, A. M. P. (2016). O quarto eixo: Uma expansão necessária? *Psicanálise – Revista da Sociedade Brasileira de Psicanálise*, 18(2), 43-52.

Zimmerman, D. E. (2012). *Etimologia de termos psicanalíticos*. Porto Alegre: Artmed.

Copyright © Psicanálise – Revista da SBPdePA
Revisão de português: Mayara Lemos

Recebido em: 15/09/2020

Aceito em: 07/10/2020

Siana Pessin Cerri
Rua Dr. Florêncio Ygartua, 391/306
90430-010 – Porto Alegre – RS – Brasil
E-mail: spessin@terra.com.br